

Profetismo, messianismo e utopia na obra do padre antónio vieira

João Décio*
UNESP/Araraquara

Estamos nós a pouco mais de dois anos do final de um milênio e, claro, do início de outro, é natural que surjam os mais diferentes espécies de profetas, adivinhos, astrólogos e gurus, enfim todo tipo de futurólogos a se pronunciarem sobre problemas sociais, morais, políticos, econômicos e religiosos. A maioria deles, falsos profetas, que buscam iludir a boa fé dos inocentes, não raro, para conseguir proveitos de ordem financeira e econômica.

No Brasil, especialmente na mídia (televisão, rádio) e outras formas de comunicação, o que tem aparecido de futurólogos (e futurólogas), atendendo por telefone é algo massificante. Logo estarão atendendo pela Internet se já não estão.

Oportuníssima, por isso mesmo, a ocasião de se falar nas previsões, antecipações ou premonições contidas nas idéias de um dos maiores sermonistas da literatura e da cultura portuguesa e brasileira que é o Padre António Vieira. Mas aqui estamos no campo da seriedade e dos bons propósitos.

Salvo erro ou melhor juízo, o profetismo, o messianismo e a utopia dele encontram-se de forma mais orgânica e disciplinada na **História do Futuro**, comparecendo com menos intensidade e mais dispersamente em alguns **Sermões e Cartas**.

Discriminar as facetas do profetismo, do messianismo e da utopia na obra do Padre Vieira pode constituir-se num rico manancial fundamental para entender alguns dos aspectos mais presentes e relevantes dentro do que escreveu o autor: cartas, sermões e obras proféticas.

Na pesquisa sobre aqueles temas, pareceu-nos mais lógico explicitar os elementos proféticos, messiânicos e utópicos da **História do Futuro** onde aparece maior concentração dos dados e uma organização que, por ora, poderíamos chamar de didática e pedagógica.

Antes de adentrarmos diretamente ao tema que nos propomos analisar, cumpre lembrar que constitui um trabalho árduo e impossível mesmo, separar os elementos proféticos, dos messiânicos e utópicos na **História do Futuro** pois eles não são estanques, ao contrário, estão imbricados de tal forma que podem ocorrer momentos em que, ao comentarmos aspectos messiânicos, poderemos estar invadindo territórios do messianismo e da utopia, sem nos apercebermos disso.

Trataram dos aspectos messiânicos na obra do Padre António Vieira, críticos e historiadores como Hernâni Cidade, António Sérgio, João Lúcio de Azevedo, António José Saraiva, Raymond Cantel, José van den Besselaar, (dentre tantos outros) para ficarmos com alguns dos mais expressivos nomes.

Entenda-se o profetismo como doutrina religiosa baseada nas profecias, compreendendo-as como predições de inspiração divina de qualquer acontecimento futuro, por exemplo, as do profeta Daniel, de caráter bíblico e as de Gonçalo Eanes Bandarra de caráter profano. Tais profecias foram encampadas pelo Padre António Vieira para instituir a vinda do Quinto Império na **História do Futuro** e em uma que outra carta ou sermão.

O messianismo, por sua vez, consiste, estrita e originariamente na crença ou esperança da problemática intervenção de circunstâncias ou individualidades providenciais para assegurar uma era de felicidade pública ou particular.

Finalmente, a utopia pode ser conceituada como um sistema ou plano que parece irrealizável, um tempo impossível de existir ou na acepção de Thomas More em **A Utopia** um lugar que não existe.

Antes de passar à análise de textos da **História do Futuro**, talvez devêssemos ampliar os conceitos aqui apresentados, através de citações de autores que se consagraram nos estudos daqueles temas.

Raymond Cantel assinala que

Sur des centrefaits parait le véritable théoricien du Cinquième Empire, celui que va réaliser la synthèse politico-religieuse des espérances messianiques portugaises: le P. António Vieira.

....

Son messianisme forme un système précis, cohérent et clair, parfaitement articulé selon la logique de l'époque. Il promet mille ans de grandeur portugaise et cretienne et, inlassablement, il scrute les Ecritures, les commentateurs bibliques, les chroniques, les prophéties, les astrologues, les historiens, les poètes, et les philosophes de l'Antiquité, toujours en quête de nouvelles preuves, qu'il découvre et applique avec une aisance que confond l'esprit" ("Le Messianisme dans la Pensée Portugaise du XVI Siècle a nos jours, p.438).

Temos aqui a mais profunda e completa síntese da dimensão messiânica e profética contida na **História do Futuro** do Padre António Vieira. Creemos que as discriminações dos aspectos proféticos e messiânicos, apontados por Raymond Cantel levaria a elaboração de importantes estudos sobre a obra vieiriana.

No respeitante já quase exclusivamente com relação ao assunto que vimos tratando, é de interesse apontar uma idéia de um importante estudioso do messianismo, lembrado por Maria Isaura Pereira de Queiroz:

Hans Kohn num só frase, encerra todos os traços privativos do messianismo: “é a crença na vinda de um redentor que porá fim à ordem presente de coisas, universalmente ou para um só grupo, instituindo neste mundo uma nova ordem de justiça e felicidade”, (Kohn, Hans, “Messianism”, **Encyclopaedia of the Social Social Sciences**, 1942).

Ainda a mesma autora, numa síntese esclarecedora, reúne as idéias sobre a crença, o Messias, o messianismo e a expectativa do novo Milênio:

Verificada a existência de crenças messiânicas que não chegam a se concretizar em movimentos, propúnhamos então reservar exclusivamente “messianismo” para nomear os anseios do povo, para aquela fase que Paul Alphandéry chamou de espera messiânica; movimento messiânico seria atividade de uma coletividade sob a direção de um mensageiro de Deus - o Messias - para apressar o Milênio”. (**O Messianismo no Brasil e no Mundo**, p.24).

Uma reflexão, ainda que breve sobre as idéias em questão, permite-nos inferir, ainda que provisoriamente que a cientista social referiu os grandes pólos de interesse do messianismo: o movimento, portanto seu dinamismo, os anseios populares, a espera, Deus, o seu mensageiro e finalmente a referência ao novo milênio próximo, semelhante ao que vivemos no dia de hoje. Acentue-se, portanto, que estamos dentro de uma realidade histórica semelhante à da época do aparecimento da **História do Futuro** com algumas diferentes implicações: nos dias de hoje vivemos numa era de desenvolvimento da informática, com os moderníssimos computadores e a atual e problemática: para onde nos levarão a Internet e os futuros meios de comunicação?

No tocante à utopia, contida na **História do Futuro**, um processo iluminante poderia ser instalado através de algumas idéias de um importante estudioso d’ **A Utopia** de Thomas More, Fernando de Mello Moscr. Diz ele a certa altura:

Resumindo e simplificando consideravelmente uma questão complexa, é como se a **Utopia** tivesse sido concebida como uma apresentação de uma sociedade humanamente perfeita, baseada numa atitude fundamentalmente racional, com numerosas hipóteses e sugestões a serem consideradas pelo leitor, mas contendo também uma boa dose de humor e brincadeira. (**Tomás More e os Caminhos da Perfeição Humana**, p.93).

Vale a pena transcrever as idéias iniciais pois, além de enfatizarem a importância de se prever o futuro, manifestam claramente o intento e a intenção da obra que refere profundamente num plano geral, o caráter profético.

Diz António Vieira:

Nenhuma cousa se pode prometer à natureza humana, mais conforme ao seu maior apetite, nem mais superior a toda a sua capacidade que é a notícia dos tempos e sucessos futuros; e isto é o que oferece a Portugal, à Europa e ao mundo esta nova e nunca vista história. As outras histórias contam as cousas passadas, esta promete dizer as que estão por vir; as outras trazem à memória aqueles sucessos públicos que viu o Mundo; esta intenta manifestar ao Mundo aqueles segredos ocultos e escuríssimos que não chegam a penetrar o entendimento. (**História do Futuro**, cap.I, p.1).

Uma reflexão demorada sobre este texto assinala inicialmente dois aspectos: primeiro, é uma idéia indiscutível a de que realmente nada mais aguça a curiosidade, nada mais atrai o interesse que a possibilidade de o ser humano poder antecipar o futuro; segundo: a presença de uma certa vaidade que chega à pretensão sem humildade de que se oferece à Portugal, à Europa e ao Mundo, uma história das coisas que devem vir.

Outro aspecto a se considerar é que se para Vieira, a previsão dos sucessos futuros, portanto se o profetismo era uma questão de fé (observável nas palavras do profeta Daniel e nos versos do poeta Bandarra) também era uma questão, um assunto de razão, motivo porque afirma António Vieira:

...esta intenta manifestar ao Mundo aqueles segredos ocultos e escuríssimos que não chega a penetrar o entendimento.

Os segredos se aceitam no plano da fé, que não se discute, mas existe uma parte importante na previsão dos sucessos futuros que está no plano da razão (entendimento).

Provisoriamente, parece que é possível aceitar que o profetismo de António Vieira situe-se em duas vertentes ou dois modos de conhecer o mundo: pela fé e pela razão que tem de equilibrar-se para criar um processo simbiótico diante da realidade.

Mais adiante, face a essa eterna vontade do ser conhecer o futuro, António Vieira revela a posição de Deus e a do ser humano, distintas pela própria natureza de ambos, aquele onipotente e onipresente e este ignorante e frágil:

Levanta-se este assunto sobre toda a esfera da capacidade humana, porque Deus, que é a fonte de toda a sabedoria, posto que repartiu os tesouros dela tão liberalmente com os homens, e muito mais com o primeiro, sempre reservou para si a ciência dos futuros, como regalia da divindade. Como Deus por natureza seja eterno, é excelência gloriosa, não tanto de sua sabedoria quanto de sua eternidade, que todos os futuros lhe sejam presentes; o homem, filho do tempo, reparte com o mesmo a sua ciência ou a sua ignorância; do presente sabe pouco, do passado menos, e do futuro nada. (**História do Futuro**, v. 1, cap. I, p.1).

António Vieira aqui estabelece uma profunda diferença face a esta fundamental categoria da vida que é o tempo e o problema avulta de significado porque é impossível para o ser humano pensar-se fora de uma realidade temporal e espacial, mas a um Deus isso parecerá viável e não-problemático. Nesta altura do discurso viciriano, pela primeira vez defrontam-se criador e criatura, o que se pode inferir, provisoriamente é que o homem é capaz somente de fazer conjecturas, apresentar adivinhações, fazer profecias, mas que é exclusividade de Deus conhecer o passado, o presente e o futuro dos seres humanos, do mundo e das coisas. Somente ele é capaz de pensar e realizar utopias, de fazer existir um mundo, um tempo e um espaço que não existem.

Salvo erro ou melhor juízo, a **História do Futuro** se constitui num discurso (talvez numa escritura) baseado em outros discursos, um de carácter religioso, as profecias de Daniel na Bíblia e outro de tónica literária de carácter popular, as Trovas do Bandarra, que, aliás, Vieira refere explicitamente na obra.

Na introdução ao volume, Hernâni Cidade viu bem a questão, referindo explicitamente à visão profética do artista:

O Quinto Império em que se consumasse o reinado de Cristo na terra desenha-se-lhe com a nitidez de todas as idéias. Surge-lhe dos simbólicos discursos bíblicos de Isaías e de Daniel, tanto nas vagas trovas de Bandarra, mas apoia-se o seu conhecimento da morosidade na obra da cristianização universal, em desacordo com o geral conceito da onipotência e bondade divinas. (**História do Futuro**, p.X).

Tais idéias do crítico merecem algumas considerações. Se atentarmos bem para elas, o Quinto Império na profecia é apresentado de maneira ampla e geral, no plano geográfico. Esta generalidade na localização, sem maiores explicações, contrasta com o que ocorre com **A Utopia**, de Thomas More, que como se sabe cria uma cidade ideal (Utopus, antigamente chamado de Abraxia) com toda a organização social, política e jurídica, erguida de tal modo que lá comparecem “Das cidades da Utopia e particularmente da cidade de Amaurota”; “dos Magistrados”; “artes e ofícios”; “das relações entres os cidadãos”; “das viagens dos utopianos”, “dos escravos”; “da guerra” e “das religiões”. Como se vê ao plano geral na idéia profética de Vieira, Thomas More havia oposto, muito tempo antes, uma cidade ideal e utópica muito mais clara, concreta e precisa. Vale a pena já que estamos neste assunto, lembrar algumas idéias de Fernando de Mello Moser:

Sob determinado ponto de vista, portanto, obviamente a Utopia é a terra que não existe. Mas o jogo não se limitou a estas palavras, e foram vários os humanistas que entraram nele, contribuindo pormenores, cuja ambigüidade aumentava a verossimilhança e sublinhava a inexistência da Utopia, simultaneamente. Budeu, por exemplo, na epístola a Lupseto, ouviu dizer que a ilha é também conhecida por Udepoia - palavra que deriva do grego e quer dizer nunca. E mais adiante, conta que investigou pessoalmente o assunto e chegou à certeza “de que a Utopia está situada fora dos limites do mundo conhecido. (**Thomas More os caminhos da perfeição humana**, p.92).

Cremos ser procedente a aproximação entre **A Utopia** e a **História do Futuro**, não pelo simples fato daquele ter precedido a esta, mas pelas dimensões proféticas e utópicas que são várias mas que diferem radicalmente. Se vemos bem **A Utopia** de Thomas More nos apresenta uma visão, enfatizando mais a realidade espacial (cidade, ruas, fronteiras, aquedutos), enquanto que a **História do Futuro** permanece num plano de um tempo indeterminado e vendo a realidade espacial num plano geral e amplo. Digamos, se quiséssemos ser extremados que um propõe a utopia em concreto e outro, em abstrato.

Dadas as poucas semelhanças e as grandes diferenças entre ambas obras, somos irresistivelmente levados a compará-las, considerando estas duas categorias da vivência do ser: o tempo e o espaço.

Já que trouxemos à baila um autor inglês, Thomas More, talvez conviesse lembrar que ao lado de portugueses, como Hernâni Cidade, António Sérgio, António José Saraiva e Lúcio de Azevedo, alguns historiadores estrangeiros se debruçaram sobre a obra do Padre António Vieira, cumprindo lembrar e destacar dentre eles, os nomes de Raymond Cantel, José van den Besselaar e R.C. Boxer. Este último em breve síntese fixou a importância do autor da História do Futuro:

O mais célebre e influente expositor da idéia de que Portugal estava destinado ao quinto império num futuro próximo, foi o Padre António

Vieira S.J. (1608-1697). Este entusiasta campeão da Igreja, no sermão do dia de Ano Novo, em 1642, perante o réu D. João IV e sua corte terminava com a esperança de que a luta fratricida com a católica Castela, em breve terminaria. Os portugueses poderiam então banhar as suas espadas no “sangue dos hereges na Europa, sangue de Mouros na África, sangue de gentios na Ásia e América, vendendo e subjugando todas as partes do mundo a um só império, para que todos, sob a égide de uma coroa, possam ser gloriosamente colocados debaixo dos pés do sucessor de S. Bento. (**A Igreja e a Expansão Ibérica**, Lisboa, Edições 70, 1981).

Além da posição unânime ou quase unânime dos críticos da literatura, constitui fator importante o depoimento dos historiadores sérios como R.C. Boxer, pelo equilíbrio, objetividade, clareza e imparcialidade como aborda a importância da obra profética de Antônio Vieira.

Obra de caráter mais utópico e profético do que messiânico, a **História do Futuro**, abandonando quase que totalmente a linguagem barroca e conceptista encontrável nos mais notáveis sermões, ela se revela de enorme importância, por ser a mais orgânica, ordenada e alentada, no referente ao profetismo, messianismo e utopia, se a compararmos com as cartas e os sermões, oferecendo ainda outros ângulos de abordagem, como por exemplo o incipiente ecumenismo (se assim o podemos chamar) quando acolhe para o campo da profecia as Sibilas, e curiosamente confere maior poder divinatório a elas do que aos profetas:

Tanto como esta é a clareza com que falaram de Cristo as Sibilas¹, qual se não acha maior nem ainda igual nos profetas. **História do Futuro**, volume II, p.137.

Já na reta final deste estudo, cremos ser procedente uma breve aproximação da **História do Futuro** com o livro de Ítalo Calvino, **Seis propostas para o próximo milênio** em que o ensaísta discute as qualidades imprescindíveis para uma obra artística (em particular a literária) possa durar no tempo e atravessar o próximo milênio: são elas as seguintes: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade. Formavam cinco conferências que Calvino havia preparado para ministrar na Universidade de Harvard. São também cinco das qualidades da escritura (uma sexta, a Consistência seria o tema da última conferência, jamais escrita) que Calvino teria desejado transmitir à humanidade do próximo milênio.

Tentando, num sentido amplo iluminar a **História do Futuro** com essas qualidades do texto escrito, e começando pela leveza, parece que Vieira não conseguiu subtrair o peso (conforme pleiteia Calvino) e sua história permaneceu pesada, repetitiva, às vezes redundante e abstrata demais; já o dissemos no contraste com a leveza de **A Utopia**, de Thomas More.

Quanto à rapidez, em termos de linguagem, na **História do Futuro**, Vieira conseguiu uma maior fluência do que nos sermões, pois superou os entraves de uma linguagem algo artificiosa, marcada pela insistência nas repetições, nas metáforas e nas antíteses barrocas e conceptistas.

Já no que se refere à exatidão, em muitos pontos, talvez por afoiteza ou falta de tempo para pesquisar, o Padre Vieira não pode ser fiel à realidade dos fatos no plano da história e das línguas. José van den Besselaar² lembra que:

Começando o nosso exame, devemos dizer que Vieira cometeu inúmeros lapsos. Muitos deles são descuidos de somenos importância, isto é, não chegam a afetar a tese do livro. Mas esses descuidos são tão frequentes que

nos impedem de ter grande estima pela sua “acribia”. Simples falta de tempo, ou desleixo da parte do autor? Provavelmente, os dois fatores juntos são responsáveis pelos deslises. (“Erudição, espírito crítico e acribia na **História do Futuro**” de Antônio Vieira, p.45, in Alfa nº 20/21).

Quanto à visibilidade, comparando a obra de Vieira com **A Utopia** de Thomas More, percebe-se que esta revela uma transparência, uma clareza, uma limpidez nos pormenores sobre a cidade, os moradores, sua geografia e costumes, enquanto a **História do Futuro** nos apresenta um sentido de obscuridade, de fechamento daí termos pouca concretude (em termos de detalhes) sobre o Quinto Império.

Finalmente, quanto à multiplicidade, cumpre assinalar que Vieira a conquistou na medida em que o seu discurso (ou escritura) sustentou-se em um discurso bíblico (a profecia de Daniel) e num outro de literatura popular, as **Trovas do Bandarra**.

Constitui-se assim num discurso (ou escritura) plural, pois envereda por inúmeros campos: o literário, o histórico, o geográfico, o político e o bíblico.

Em última análise nestes poucos anos que nos separam do próximo milênio, creio que seria imprescindível que os críticos (teóricos ou não), e os historiadores pudessem repensar alguns aspectos que aqui deixamos apontados: o messianismo, o profetismo, a utopia e um certo ecumenismo que o final do milênio poderá concretizar.

Marília, Brasil, agosto de 1997.

Notas

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários do Câmpus de Araraquara da UNESP.

¹ Se aqui se pode pensar num hipotético e incipiente e incipiente ecumenismo, no campo da profecia, na **Clavis Profetarum** Vieira antecipa um ecumenismo numa irrecusável e bem lograda profecia. Afirma o pregador que:

“Em terceiro lugar, ajunta com esquisita erudição todos os ritmos permitidos pela Sé Apostólica aos gregos, Rutenos e aos outros cismáticos, para que deste modo pudéssemos unir as Igrejas Orientais à Romana.” (**Dificuldades dos sacrifícios e cerimônias legais**, pp.215-216).

² Com muita justiça o crítico assinala os nomes dos estudiosos da obra do Padre Antônio Vieira:

“A figura e as obras de Vieira têm, desde 1950, atraído a atenção de um número cada vez maior de especialistas, não só em Portugal e no Brasil, (menciono aqui os estudos brilhantes de Antônio José Saraiva), como talvez mais ainda em outros países: Raymond Cantel e M. Bataillon, na França; J. De biem na Bélgica; Mary C. Gotaas e Karl A. Kottman, nos Estados Unidos; Charles R. Boxer, na Inglaterra; Fr. Berkmecier. Kl. Rühl e muitos outros, na Alemanha (onde a Goerresgesellschaft está publicando uma série de textos vicirianos); o autor do presente trabalho, na Holanda”.

Referências bibliográficas

AMORA, Antônio Soares - **Sermões do Padre Antônio Vieira**, São Paulo, Ed. Cultrix, 1981.

AZEVEDO, João Lúcio de - **História de Antônio Vieira**, 2ª.ed, 2 vols., Lisboa, 1931.

- BESSELAAR, José van den - *Erudição, espírito crítico e escriba na História do Futuro de António Vieira*, Alfa 20/21, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1974/1975.
- BOXER, C.R. - *A Igreja e a Expansão Ibéricas*, Lisboa, Edições 70, 1981.
- CALVINO, Italo - *Seis propostas para o próximo milênio*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- CANTEL, Raymond - *Prophétisme et Messianisme dans l'Oeuvre de António Vieira*, Paris, 1960.
- CANTEL, Raymond - *Les Sermons de Vieira* - étude du style, Paris, 1959.
- CANTEL, Raymond - *L' História do Futuro do Père António Vieira*, - réflexions sur la genèse de l'oeuvre e les différents moments de sa composition, *Bulletin des Études Portugaises*, Lisboa, n°25, 1964.
- CIDADE, Hernâni - *Padre António Vieira*, Lisboa, 2ª ed., 2 vols., s.d.
- CIDADE, Hernâni - *Portugal Histórico Cultural*, Lisboa, Editora Arcádia, 1972.
- GOTAAS, Mary - *Bossuet and Vieira*, Washington, 1953.
- IANNONE, Carlos Alberto, *Padre António Vieira, Sermões*, São Paulo, Editora Três, 1974.
- MORE, Thomas, *A Utopia*, São Paulo, Abril Cultural, 1984.
- PESSOA, Fernando - *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, Lisboa, Edições Ática, 1973.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de - *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, São Paulo, Dominus Editora e Editora da Universidade de São Paulo, 1965.
- ROTTERDAM, Erasmo de - *Elogio da Loucura*, São Paulo, Abril Cultural, 1984.
- SARAIVA, António José - *Les Quatre Sources du Discours Ingenieux dans les Sermons du Pe. António Vieira*, *Bulletin des Études Portugaises*, Lisboa, n°31, 1970.
- SÉRGIO, António - *Obras Escolhidas de Padre António Vieira*, Lisboa, Editora Sá da Costa, vol. 1955.
- SÉRGIO, António - *Ensaio*, t. V., Lisboa, Editora Sá da Costa, 1ªed., 1973.
- VIEIRA, António Vicira - *História do Futuro*, vols. I e II, Lisboa, Editora Sá da Costa, 1953.
- VIEIRA, António - *Sermões*, Lisboa, Editora Sá da Costa, 1953.
- VIEIRA, António - *Cartas*, Lisboa, Editora Sá da Costa, 1953.